



A (re) criação de signos no cordel de Caxiado¹

Diogenes José Pereira Barbosa²

Karolina de Almeida Calado³

Iraê Pereira Mota⁴

Faculdade do Vale do Ipojuca - Favip

RESUMO

É pela sua plena capacidade de (re) criar signos que vimos por meio deste estudo refletir a literatura de cordel do poeta Caxiado, que manifesta através de sua arte uma crítica à realidade. Parte-se do pressuposto que esse cordelista faz questão de mostrar que sua arte sobrevive graças as suas inovações, que, por sua vez, dizem respeito a desenhos e caricaturas elaboradas a partir de recursos tecnológicos de informática na capa do cordel. A análise estabelece a relação da sua linguagem na mensagem do contexto da Teoria dos Signos: analisando a capacidade que o autor popular tem de dar significado ao significante e da Folkcomunicação, ao utilizar um meio da manifestação popular tradicional como objeto de conscientização e discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel; signos; folkcomunicação.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da literatura de cordel continua a motivar as pesquisas de muitos estudiosos, pois se libertando da visão limitada de que é uma literatura morta ou estritamente nordestina percebemos que continua sendo praticada e impressa no país inteiro, inovada por uma imensidade de poetas. Refletir a forma como todos nós analisamos a literatura de cordel é repensar o sentido que sua essência possui na abordagem de vários temas atuais, desde a capa, contendo gravuras denominadas

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 6º período do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Favip, e-mail: diogenesjornalista@hotmail.cxzom

³ Estudante de Graduação do 6º período do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Favip, e-mail: karolinacalado@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Jornalista, professora da Faculdade do Vale do Ipojuca (Favip) e mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mails: iramota1@yahoo.com.br, irae.mota@favip.edu.br



xilogravura e linogravura⁵ ou simplesmente desenhos; até as metáforas para dar ênfase ao texto.

Por ser uma manifestação repleta de significados, a literatura de cordel se insere no contexto social e passa a emitir mensagens com interessantes signos. Sua linguagem de fácil compreensão, sua gravura marcante e a proximidade de seu conteúdo são características que fazem do cordel uma literatura secular.

No âmbito da folkcomunicação, a literatura de cordel é um grande meio, pelo fato de fazer o intermédio do que é veiculado na grande mídia para a comunidade. O cordelista Caxiado traz em sua obra opiniões que causam reflexões pertinentes à sociedade. Essa literatura continua cada vez mais forte, garantindo sua perpetuação ao longo dos anos ao colocar em sua poesia a identidade, ou seja, os valores que as identifica, seja ela do homem rústico, mítico e religioso.

Origem da literatura popular

A origem da literatura popular, apontam alguns estudiosos, que ocorreu no século XII, no ocidente, sendo disseminada na França, na Espanha e em Portugal, vinda para o Brasil pelo processo de colonização. A origem do nome vem dos folhetos⁶ que eram pendurados em cordão. Nessa literatura, permanecem a poética e a prosa em forma de versos em sextilha ou redondilha e o número de páginas é sempre múltiplo de oito. De acordo com o número de páginas são denominados: folhetos com oito páginas, romances com dezesseis páginas ou histórias com trinta e duas páginas.

A denominação Literatura Popular é citada por Joseph Luyten (2005) que nos adianta que, em uma sociedade como a nossa, onde há música clássica, haverá também música popular, da mesma forma que ocorre com pintura, religião, teatro, escultura, medicina e literatura. Em suma, a diferença entre literatura erudita e literatura popular seria o meio onde ela é produzida, a erudita nas academias, voltada e representada pelas classes dominantes, e a popular como expressão literária dos dominados, produzida pelo povo e para o povo, tratando de assuntos do ponto de vista

⁵ Xilogravura são figuras esculpidas em madeira e linogravura são figuras esculpidas em borracha. Elas são impressas na capa da literatura de cordel.

⁶ Folheto ou livreto são os nomes dados aos livros de literatura de cordel.



comum ao seu meio, escrevendo os símbolos e as imagens que povoam seu universo cultural, manifestando suas identidades. Reforçamos essas explanações, rebuscando suas origens no ocidente, no século XII, onde percebemos que, desde seu surgimento, já era uma manifestação independente da literatura oficial eclesiástica, conforme nos afirma Luyten (2005):

Ela se caracteriza, sobretudo, por ser uma linguagem regional e não ser feita em latim, que naquela época era a língua oficial de toda a Europa Cristã. Aos poucos, porém, tanto as pessoas quanto os nobres iam contando suas histórias e compondo seus versos de forma primitiva, diferentemente das comunicações em latim, que tratavam quase sempre de assuntos eruditos ou religiosos. Naquele tempo as pessoas não podiam sair de seus feudos, seus lugares de origem. Havia somente duas ocasiões em que era possível: em época de guerra ou em peregrinação. (LUYTEN, 2005, p. 20)

Se os feudos não podiam sair de seus lugares de origem, como essa literatura se divulgaria e ganharia expansão? Historicamente, a partir das cruzadas, tivemos um interesse maior pelos lugares longínquos e a única possibilidade de viagem dessas pessoas, presas à terra de seu senhor, eram, afora as guerras, as peregrinações. Segundo Luyten (2005), havia na Europa Medieval três rotas de convergência humana com grandes movimentações populares por conta de três famosos pontos de peregrinação: Roma – a Santa Sé -, Jerusalém – a terra Santa – e Santiago de Compostela, ao norte da Espanha, na Galícia, o lugar onde se dizia ter enterrado o apóstolo Santiago. Esse local era o caminho em direção ao sul da França, Provence, onde as pessoas se reuniam antes de atravessar o mar mediterrâneo para chegar à Palestina, geralmente em mãos islâmicas. Outra rota era ao norte da Itália, a Lombardia, por onde se tinha de passar pra chegar a Roma. E a terceira era a Galícia, o único lugar da península ibérica que não era tomado pelos sarracenos, onde ficava o Santuário de Santiago.

Foi exatamente nesses três lugares que começava a literatura popular ocidental, motivados pelo grande intercâmbio cultural, em que se concentravam poetas nômades (entre as raras pessoas que tinham locomoção livre) - cantadores que funcionavam como verdadeiros jornalistas, contando as novidades e cantando poemas de aventuras e bravuras,

Assim, conforme Luyten (2005), a literatura popular medieval, em sua origem, era uma oposição à oficial da Igreja Católica. E, com o passar dos anos, ela foi



se fortalecendo e dando lugar a focos de línguas nacionais como o italiano, o francês provençal e o português-galaico. Um pouco mais tarde foram surgindo outras línguas ao longo dos grandes rios europeus, como o Reno e o Danúbio, e, posteriormente, no norte da Europa e na Inglaterra. É, pois, nessas línguas e seus respectivos países que começamos a perceber o desenvolvimento de produções de cultura regional, que, a partir daí, vão sendo transportadas para o resto da Europa por intermédio dos menestrelis, trovadores e jograis, três categorias de poetas andarilhos que desde os primórdios da Idade Média era comum encontrar seus registros a cantar as notícias e fatos importantes acontecidos, fixando-se nas regiões de maior confluência de pessoas.

Apoiados em Luyten (2005), podemos afirmar que na Europa inteira temos uma forte literatura popular, sobretudo em verso, e que com o advento da imprensa, em 1450, iniciaram-se as primeiras impressões de poemas populares.

Na França, começa uma vultosa produção literária popular na cidade de Troyes (relativamente próxima a Paris), no ano de 1483. Essa cidade tornou-se famosa durante 400 anos por causa da publicação de folhetos e almanaques. (...) Eram geralmente em verso, mas os havia em prosa e mistos. Chamava-se colportage. Col significa “nuca”; os vendedores de livretos costumavam carregá-los numa caixa diante do peito, prendendo-a com uma corda que passava pela nuca (como alguns camelôs dos nossos dias).

(...)Na Inglaterra foi também muito expressiva e segue ditames semelhantes aos da França. Existe, em forma impressa, desde a instalação das primeiras gráficas no país. Era chamada de *ballads* (baladas) e *broad-sides* (lado largo), pois estes eram feitos para cantar e impressos só de um lado do papel. Da Inglaterra, essa produção passa para todos os países de colonização britânica.

(...) Na Holanda, na Alemanha e em todos os países europeus, enfim, se conhece vasta produção literária destinada às classes de menor poder aquisitivo. (LUYTEN, 2005, p. 36-37)

O cordel e suas particularidades

Passado pelo processo de colonização aqui no Brasil, a literatura de cordel herda este nome por essa arte popular ser exposta e comercializada em Portugal em cordões, lá chamado de cordéis. Podemos então destacar como importantes figuras do passado os poetas Leandro Gomes de Barros⁷ e João Martins Athayde⁸, principais autores da literatura de cordel.

⁷ Leandro Gomes de Barros (1865 – 1918) grande poeta da literatura de cordel no Brasil, mais de 230 obras escritas.

⁸ João Martins Athayde (1880-1959), nascido na então vila Cachoeira de Cebola, no município de Ingá, na Paraíba, é um dos principais poetas brasileiros



Sua comercialização se dá atualmente nas feiras culturais, casas de cultura, livrarias e nas apresentações dos autores, denominados cordelistas. Essa produção possui uma linguagem que vai da prosa à poética em forma de verso.

A forma como as poesias são rimadas distingui-se uma das outras, podendo constituir-se em *quadra* (estrofe de quatro versos e sete sílabas, com o segundo e o quarto rimando, no modelo ABAB ou ABBA); *sextilha*, são seis versos de sete sílabas, no esquema (ABCBCB); na *septilha* ela usa o estilo de rimar da seguinte forma: a linha com a quarta e a sétima e a quinta com a sexta, deixando livres a primeira e a terceira; a *oitava* é um tipo de poesia popular cantada, na qual se encerra com o verso: Nos oito pés a quadrão, segue o seguinte esquema: (AAABBCCB); no quadrão, estrofe também de oito versos, a rima obedece o esquema: (AAABBCCCB); a *décima* geralmente empregada quando há um mote (denominação empregada, para definir frase imposta em pelepas ou desafios), esta possui dez versos, de dez ou sete sílabas; *O galope à beira-mar* é um esquema rímico estruturado pelo estrofe de dez versos hendecassílabos (que possui 11 sílabas), termina com o verso “cantando galope na beira do mar”. Há também o martelo agalopado, ou seja, estrofe de dez versos decassílabos.

Para medir a quantidade de sílabas nos versos, existe a métrica, que, de acordo com a entonação, divide as sílabas e as denomina por pés. As rimas do cordel se classificam em consoantes: as que se combinam no som desde a vogal ou ditongo, até a última letra do fonema, por exemplo mundo e profundo; e toantes: só combinam em uma vogal ou algum ditongo com acento tônico, por exemplo: pálida e lágrima.

A literatura nordestina tem, no cordel, uma de suas maiores expressões, pois é através dessa literatura de números resumidos de páginas que ficam registradas histórias, romances, fatos, mitos. Assim, o que fazia parte da literatura oral como os mitos, lendas, contos e provérbios, que são transmitidos oralmente de geração para geração, são traduzidos na literatura de cordel de forma simples e barata, garantido a sua perpetuação também por meio da escrita. Foi exatamente nesta literatura que muitos de nossos familiares conseguiram ser alfabetizados, rompendo a barreira do preconceito linguístico cultivado pela classe até então dominante.

E muita gente fica boquiaberta quando recebe a informação de que o Brasil é o maior produtor de poesia popular em todo o mundo e em todos os tempos. É que as elites nacionais de tanto tentar imitar modelos de fora, não lembram que o povo propriamente dito elaborou ao longo dos anos uma série de estruturas poéticas, por meio das quais comunicava a sua cultura (LUYTEN, 2005, p.34)



Acredita-se que muitas histórias são modificadas com o passar do tempo. Muitas vezes, encontramos o mesmo conto ou lenda com características diferentes em regiões diferentes do Brasil. A literatura oral é considerada uma importante fonte de memória popular e revela o imaginário do tempo e espaço onde foi criada, seja no Nordeste do Brasil, seja na região Sul que também absorveu características semelhantes devido a sua colonização.

Isso parte da representação do imaginário de nosso povo, moldando sua maneira de pensar e de reagir ante os fenômenos sociais. Dessa forma, trata-se o cordel de uma literatura viva, uma literatura presente na cultura popular, de massa, brasileira, que decorre sua condição de chave para o entendimento e da descoberta de sua identidade nacional.

A vida de Caxiado e sua relação com a folkcomunicação

José Caxiado da Silva, conhecido simplesmente como Caxiado, é natural da cidade de Venturosa, Agreste pernambucano, nascido em 28 de fevereiro de 1951, autodidata, cordelista, artista plástico de nível internacional pela brilhante criação da fototalha: fotografia esculpida na madeira, desenhista, escultor, compositor e músico prático. Com mais de 60 cordéis e três livros editados, destaca-se na comunidade por desenvolver um conceito crítico acerca de informações que recebe por meio dos veículos de comunicação e os interpreta de acordo com seus valores e repassa para comunidade tornando informações acessíveis, por meio da literatura. Sua obra traz um pouco da cultura, provérbios populares que fazem parte da identidade de seus antepassados, como, por exemplo, frases metafóricas que buscam refletir atitudes cotidianas, com base em ensinamentos.

Vejamos, então, um trecho do folheto de Caxiado escrito em 2007, tendo por título Filosofia Popular:

O ditado popular
É uma filosofia
Experiências vividas
Nas ações que se recria
Onde o mais velho transmite
A sua sabedoria (estrofe 1, p.1)



Abra seus olhos agora
Sua mente e o coração
Os adágios populares
Pedem sua atenção
Pra expressar sentimentos
Que fortalecem a razão. (estrofe 2, p.1)

(...)
“Dizem que macaco velho
Não bota a mão em cumbuca”
Quem não aprende com a vida
Com certeza é ruim da cuca
Não percebe as armadilhas
Termina numa arapuca. (estrofe 4, p.2)

(...)
Reflita bem a mensagem
Transmita no ditado
Pois quem tem Deus, tem a paz
Tem luz, está amparado
Encontra o seu tesouro
Para viver sossegado. (estrofe 20, p.7)

Considerado agente comunicador da folk, um comunicador do povo possui uma relação ímpar e conquista uma audiência entre pessoas do povo, pesquisadores e tantas outras pessoas que admiram a arte de informar por meio dos versos. Para Luiz Beltrão, a figura do cordelista é importante para a comunidade. Segundo ele, há pessoas que não conseguem decodificar as mensagens transmitidas pelos veículos de comunicação, daí a importância do cordelista na democratização de tais informações.

Os líderes agentes-comunicadores de folk, aparentemente, nem sempre são “autoridades” reconhecidas, mas possuem uma espécie de carisma, atraindo ouvintes, leitores, admiradores e seguidores, e, em geral, alcançando a posição de conselheiros ou orientadores da audiência sem uma consciência integral do papel que desempenham. (BELTRÃO, 1980, p. 35)

Além de informar e opinar, alguns agentes da folkcomunicação desenvolvem um carisma, capaz de causar admiração em sua comunidade, mesmo não fazendo parte da classe dominante, estas pessoas comuns exercem certa influência. É com base neste mesmo conceito que podemos ressaltar a humildade do cordelista Caxiado. Ao nos conceder uma entrevista⁹, ele discutiu a forma como se percebe cordelista:

Eu nunca penso por esse lado não, eu escrevo assim, assim às vezes até sem muito compromisso. Quer dizer, sem compromisso entre aspas, porque às vezes você acorda com aquele tema, já levanta com aquele tema na cabeça, e

⁹ Entrevista concedida em 16 de junho de 2009.



fica se perguntando “como é que eu vou desenvolver isso, tal”, mas eu nunca pensei por esse lado, nunca pensei em me analisar enquanto cordelista não.

Agentes como o cordelista Caxiado propõem discussões em suas mensagens que podem causar alguma reflexão ou mudança na comunidade, quando estas são pertinentes no âmbito da comunidade.

Arraigadas convicções filosóficas, à base de suas crenças e costumes tradicionais, da cultura do grupo a que pertence, às quais submete ideias e inovações antes de acatá-las e difundi-las, com vistas a alterações que considere benéficas ao procedimento existencial de sua comunidade. (BELTRÃO, 1980, p. 35)

Ao comungar das inovações tecnológicas, em seu formato é resultado da sociedade global a qual estamos inseridos e desenvolve uma crítica com o humor. Caxiado sua capacidade que possui de fazer os versos, opinar, informar e fazer propaganda através também dos versos, os mesmos divulgam produtos que patrocinam seus cordéis no da contracapa do cordel em verso e prosa.

A literatura de cordel na Teoria dos Signos

A Semiótica é tida ou mesmo compreendida como uma ciência que tem por função classificar e descrever todos os tipos de signos, logicamente possíveis. O signo, por sua vez, pode ser definido como uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele (SANTAELLA, 2004). Nesse sentido, podem ser considerados como signos alguns traços da obra do cordelista José Caxiado da Silva. Em dadas produções literárias dos contos populares produzidos por ele, é possível notar ou mesmo perceber a opinião do escritor, a visão pessoal dele - enquanto transmissor de informação-, acerca de dadas temáticas. Essa visão particular dos símbolos comuns do cotidiano pode ser entendida como uma forma própria de expressar sentido e transmitir informação, assim como deixa explícito Lúcia Santaella:

A palavra casa, a pintura de uma casa, o desenho de uma casa, a fotografia de uma casa, o esboço de uma casa, a maquete de uma casa, um filme de uma casa, a planta baixa de uma casa, ou mesmo o seu olhar para uma casa são signos do objeto casa. (SANTAELLA, 2004, p.55 - 58)

A comunicação presente nesse tipo de estrutura de significados - o cordel - torna-se então necessária para o fazer dos sentidos expressos na linguagem da literatura



popular. Se as perspectivas podem então variar significativamente, o sentido também ganha novas interfaces¹⁰ comunicacionais ao sofrer alterações simbólicas e estruturais. Transformar o momento da crucificação de Jesus Cristo em uma oportunidade para satirizar os conflitos entre os interesses político-religiosos pode ser tido como um exemplo da recriação de significados, que é dada durante a produção das peças. Se não bastasse comunicar, informar o leitor acerca do assunto, torna-se quase que necessário chamar a atenção dele através da ironia, dos termos engraçados, ou mesmo de colocações tidas como ousadas.

O trabalho produzido por Caxiado é tido como uma nova forma de criar literatura popular. A inserção de valores e significados das novas tecnologias permite que o artista possa dar novos sentidos à tradicional literatura de cordel. O material produzido por ele é confeccionado a partir do uso de recursos e equipamentos modernos, a exemplo de impressoras e *softwares*¹¹, algo distinto da realidade de tantos outros cordelistas. De forma a não deixar de apresentar as características pertinentes desse tipo de arte, Caxiado constrói obras tidas por ele como “diferentes” daquelas que são comumente encontradas nas feiras livres das mais diversas cidades, mas com objetivos bem comuns: mostrar o real de forma criativa. Caxiado em outro momento da entrevista afirma:

Desde que eu via os cordéis, ainda na minha infância, eles eram tidos como um jornal mesmo, como uma reportagem, que tratavam de coisas importantes, falavam de tragédias, coisas da atualidade. Mas, a minha linha de produção é outra.

As técnicas de produção tidas como “novas” permitem que o cordelista utilize recursos diversos, que podem ser explorados no sentido de dar maior ênfase aquilo que quer ser defendido. Por exemplo, as cores, os desenhos - que substituem a conhecida técnica da arte da xilogravura e da linogravura - permitem a ele explorar a imagem com uma maior riqueza de detalhes, com uma intensidade grande de traços e detalhes, que enriquecem a informação, o trabalho produzido. Tais dados ou ainda

¹⁰ Silveira Bueno em seu minidicionário da língua portuguesa descreve interface como: Integração de sistemas independentes ou de grupos diversos, abrangendo dispositivos, regras e/ou convenções pelos quais um componente de um sistema ou grupo se comunica com o outro.

¹¹ Software é o nome dado ao conjunto de produtos desenvolvidos durante o Processo de Software, o que inclui não só o programa de computador propriamente dito, mas também manuais, especificações, planos de teste, etc. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Software>.



códigos têm o objetivo de emitir informações que possam atrair a atenção das pessoas para a temática abordada.

Assim como defende Lúcia Santaella, em *O que é semiótica*, esse tipo de mensagem que é emitida através da literatura popular, neste caso renovada nas mãos de Caxiado, que compreende a um novo fazer comunicacional:

O nosso estar-no-mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos através de leitura e/ou de produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos [...] imagens, gráficos. (SANTAELLA, 2004, p.10)

A questão da linguagem pode, então, ser tida como algo atrelado à produção cultural, inclusive naquela que é abordada neste estudo. O trabalho de Caxiado, enquanto recriação de novos significados, posta-se como mais uma ferramenta de uso comunicacional, ao ser produzida através da comunicação de massas. Nesse sentido, Santaella defende que uma observação mais cuidadosa acerca das manifestações culturais nos permite perceber que um fenômeno cultural só funciona porque está estruturado enquanto linguagem. A autora argumenta:

Esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e sentido. (SANTAELLA, 2004, p.12)

A partir do estudo da Semiótica é possível então refletir acerca da existência necessária de mensagens no contexto abordado. A fundamentação de que as linguagens estariam espalhadas em todo o mundo e que os próprios seres humanos, enquanto indivíduos, estão inseridos no processo indicia que os traços dos trabalhos abordados neste estudo compõem representações, com valores no processo comunicacional, e com significados.

Os novos moldes da literatura de cordel são tidos com um dos principais responsáveis pelo sucesso das obras de Caxiado. Ele acredita dar um novo sentido às populares literaturas, com a inserção de recursos tecnológicos e/ou mesmo artísticos. Caxiado descreve que a procura pelos livretos é boa, o que o faz se sentir entusiasmado. Esse respaldo pelas obras é tido como um dos valores do significado de todo o processo de comunicação, assim como afirma Llana Polistchuk e Aluísio Ramos Trinta, em Teorias da Comunicação, sobre o pensamento e a prática da Comunicação Social: “A



mensagem (aquilo que é enviado) somente existe e vale como tal quando se deixa perceber (em decodificação e por reconhecimento) como objeto próprio”. (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 50)

A importância das inovações para a cultura popular tradicional

Somos constantemente questionados acerca das manifestações populares tradicionais. As inovações tecnológicas dos nossos tempos têm transformado as nossas formas de agir, nossos costumes, portanto, a nossa cultura. Diante disto, em meio a diversos questionamentos, temos a necessidade de pesquisar o assunto a fim de perceber até que ponto o universo de trocas culturais são positivas.

Ao explanar um panorama geral da folkcomunicação, estudo resultado de pesquisas realizadas por Luiz Beltrão em 1967, quando defendeu com o mesmo tema sua tese de doutorado na Universidade de Brasília (UnB), José Marques de Melo, em seu livro *Mídia e Cultura Popular*, apresenta as inovações como importantes, defendendo que a resistência provocava o isolamento mundial, portanto, as trocas promovem interações que permitem um contato maior entre os seres.

Podem funcionar como alavancas para renovação dos modos de agir, pensar e sentir de grupos ou nações que, empurrados conjuntamente para o isolamento mundial, haviam permanecido refratários à incorporação de novidades. (MELO, 2008, p.42)

Ainda quem discute sobre as conseqüências de junções, combinações e, portanto, inovação, é Fabrício Silveira, em seu artigo *Hibridismo Cultural*, texto encontrado, no livro *Noções básicas de folkcomunicação*, uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões, organizado por Sérgio Gadini e Karina Woitowicz. Silveira analisa as perspectivas ou leques de possibilidades, de valores que se cruzam e resultam na recriação das diversas culturas.

As formas culturais híbridas não podem ser validades ou legitimadas pelo simples fato de serem o que são (junções, combinações, recombinações de materiais culturais distintas), mas pelo efetivo enriquecimento cultural que trazem, pela novidade que instauram e pelas novas e inusitadas perspectivas que abrem. Para todos. (SILVEIRA, 2007, p. 149)

A comunicação do povo e a visão dos teóricos como Adorno e Horkheimer



O pensamento folkcomunicação difere do que achavam Adorno e Horkheimer, teóricos apontados no livro *Indústria Cultural*, de Teixeira Coelho, como críticos do sistema midiático o qual fazemos parte, tendo o ser humano como alimentador da indústria cultural. Eles achavam que todos os seres eram reféns dos veículos de comunicação e, por sua vez, se tornavam alienáveis, os quais percebiam a mídia como dominadora, que devastava a cultura dos povos. Hoje, após pesquisas da folkcomunicação difundidas por Luiz Beltrão, percebemos que a massa também comunica, pensa e se informa. E o que é muito importante: absorve apenas parte do que lhe é exposto. Um exemplo disso é o nosso objeto de estudo, a literatura de cordel, um forte meio de comunicação que atua na comunidade e vem ao longo dos séculos registrando acontecimentos históricos, ou mesmo contando mitos que, ao analisarmos o discurso expresso, verificamos que os mesmos refletem a identidade das comunidades ao longo dos séculos.

Considerações finais

A literatura de cordel, uma manifestação da cultura popular, tem sido instrumento de propagação da cultura para todos e em todas as classes sociais, mas principalmente na classe dominada. Por ser uma manifestação genuinamente do povo, essa expressão parece que não recebeu o merecido valor. No entanto, esta realidade está se transformando, isso se deve ao fato de vários campos das ciências estarem percebendo sua estrutura por diversas óticas.

Portanto, trata-se o cordel de uma literatura atuante, viva, uma literatura presente na cultura popular, que ao longo dos séculos vem se perpetuando, sobretudo, graças às várias adaptações mediante as modificações culturais, resultado do dinamismo dos costumes existentes em todos os tempos e em todas as sociedades.

Os desenhos e caricaturas presentes nas capas dos cordéis de Caxiado são repletos de signos, mas eles só serão compreendidos e aceitos se produzirem algum sentido para a massa, caso contrário, as ideias simplesmente se dispersam. E por estar em contato constante com a massa, sua literatura está extremamente atrelada aos comportamentos e conceitos encontrados na comunidade.



Os recursos tecnológicos rodeiam a nossa comunidade e o contato com os mesmos permite que o homem de comunidades distintas (re) criem suas manifestações ao fazer junções com diversos signos, ressaltando que isso acontece de acordo com o que lhe é de interesse.

Referências:

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação. A comunicação dos Marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 2001.

COELHO, Teixeira. O que é indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1980.

GADINI, S. L. (Org.); WOITOWICZ, K. J. (Org.). Noções básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos Principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa/PR: Editora: UEPG, 2007.

LUYTEN, Joseph Maria. O que é literatura de cordel. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MELO, José Marques. Mídia e Cultura Popular: Taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. Teorias da Comunicação, *O pensamento e a prática da Comunicação Social*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. 20ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2004.

-SITES:

Cordel. Disponível em: < <http://www.geocities.com/clerioborges/cordel.html> >, acessado em 15 de junho de 2009.

Caxiado. Disponível em: < <http://artedecaxiado.blogspot.com/> > acessado em 05 de junho de 2009.

José Martins Ataíde. Disponível em: < <http://www.agrosoft.org.br/agropag/140940.htm> > acessado em 17 de junho de 2009.

Leandro Gomes de Barros. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Leandro_Gomes_de_Barros > acessado em 17 de junho de 2009.

Literatura de Cordel. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_cordel > acessado em 12 de abril de 2009.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação

XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de
setembro de 2009

Software. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Software> > acessado em 17 de junho de
2009